

Ciborgues são elas, alienígenas são os outros: reflexões sobre gênero e sci-fi em *A mão esquerda da escuridão*, de Ursula K. Le Guin

Cyborgs are they, aliens are the others: reflections on gender and sci-fi in
The left hand of darkness, by Ursula K. Le Guin

*Erica Soares Silva**, *Emile Cardoso Andrade**

**Universidade Estadual de Goiás (UEG)*

Resumo: O embate da diversidade na produção e consumo de Ficção Científica apenas ganhou notoriedade no final dos anos 1960. Elementos como a representatividade feminina-feminista e as narrativas deslocadas dos dualismos hierárquicos, foram explorados nas obras de FC por escritoras como Ursula K. Le Guin. Neste seguimento, o presente estudo discute as relações de alteridade na produção de Ficção Científica por autoras mulheres e como o romance *A mão esquerda da escuridão* de Ursula K. Le Guin (2019) manifesta as ideias do mito ciborguiano defendidas por Donna Haraway (2019). Nesse sentido, analisa-se as (dis)similaridades do ciborgue relacionadas tanto às personagens quanto à escritora de *sci-fi*, pelo viés das teorias feministas, da filosofia ciborgue e dos estudos pós-modernos de gênero.

Palavras-chave: Ficção Científica. Ciborgue. Autoras mulheres.

Abstract: The clash of diversity in the production and consumption of Science Fiction only gained notoriety in the late 1960s. Elements such as feminine-feminist representation and narratives displaced from hierarchical dualisms, were explored in the works of FC by writers like Ursula K. Le Guin. In this pursuance, this study discusses the relations of otherness in the production of Science Fiction by female authors and how the novel *The Left Hand of Darkness* by Ursula K. Le Guin (2019) manifests the ideas of the Cyborg myth advocated by Donna Haraway (2019). In this sense, we analyze the (dis) similarities of the cyborg narratives both to the characters and to the sci-fi writer, through the bias of feminist theories, cyborg philosophy and postmodern gender studies.

Keywords: Science Fiction. Cyborg. Female Authors.

Introdução

Este ensaio [...] é também um esforço de contribuição para a teoria e para cultura socialista-feminista, de uma forma pós-modernista, não naturalista, na tradição utópica de se imaginar um mundo sem gênero, que será talvez um mundo sem gênese, mas, talvez, também, um mundo sem fim.

Donna Haraway

A ficção científica é ambivalente ao divagar pelos campos da ciência e literatura consubstanciando-se entre os liames do real e do ficcional. Assim como em outros gêneros da produção narrativa contemporânea, a ficção científica contorna as adjacências de uma busca pela desconstrução do cânone literário, no intuito de que se rompa as estruturas de um estigma depreciativo que a elege como uma “paraliteratura” ou uma “literatura de massa”, livre de valores estéticos. Autores como Arthur C. Clarke, Isaac Asimov, H. G. Wells, Philip K. Dick são determinantes para essa desconstrução canônica, visto que são nomes consagrados que literariamente elevaram o gênero em perspectivas de estética, forma, produção e consumo.

Dadas as últimas décadas, a ficção científica prefigura um rompimento de laços ao seu percurso contraditoriamente canônico – uma vez que a FC não é considerada literatura canônica, contudo, elege escritores homens, percussores das narrativas de ficção científica, como cânones desse campo –, protagonizado hegemonicamente por sujeitos-escritores homens consagrados no gênero. Em *A verdadeira história da ficção científica*, Adam Roberts (2018) apresenta uma historiografia do legado literário *sci-fi* desde o seu então proto-nascimento até as narrativas contemporâneas. É nesse ínterim que se analisa as íferas menções às escritoras mulheres em que, genuinamente são irrisórias quando comparadas aos escritores homens. Michelle Perrot (2017, p. 97) endossa que “escrever, para as mulheres, não foi uma coisa fácil”. Apenas ao final dos anos 1960 percebemos o embate da diversidade em campos de produção e consumo de ficção científica, representatividade feminina-feminista e narrativas que deslocam os dualismos hierárquicos cristalizados em identidades naturalizadas. Escritoras como Ursula K. Le Guin, Octavia Butler, Joanna Russ, Margaret Atwood ganharam notoriedade em suas produções no campo da *sci-fi* abrindo espaços antes não ocupados por mulheres escritoras na ficção científica.

Mediante as relações entre mulheres e produção literária da *science fiction*, alimentamos o intuito de adentrarmos ao território selvagem de que fala Showalter (1994), para que exploremos as subversões do trânsito intelectual da escritora de ficção científica em um campo considerado primordialmente de homens. Conquanto, percebe-se ainda a necessidade de se discutir sobre o pensamento de pertencimento sobre o qual os escritores homens se apoderaram do gênero *sci-fi* e sobre dar visibilidade às criações e criadoras de personagens “marginalizadas”.

A ficção científica moderna, “invadida” pela diversidade em seus moldes gerais, apresenta-se como um contraponto de partida para um novo sujeito no campo da *sci-fi*. A mítica figura alegórica do ciborgue, descrita e estudada por Donna Haraway (2019), descreve a nova era contemporânea em que as “novas” narrativas de ficção científica não se enquadram no campo do orgânico, do determinismo de gênero, tampouco se agregam aos mitos da Origem, das cristalizações sociais, antes, se edificam em novos acessos, em uma diversidade de penas e papiros em que se almeja um mundo pós-gênero não apenas na ficção.

O encontro com a diferença, com a diversidade de mundos, robôs e seres alienígenas, passa a ser uma postulação da FC. A ficção científica promove um encontro temível entre o “eu” e o “outro” em uma exploração da alteridade. Segundo Scott McCracken “Na raiz de toda ficção científica encontra-se a fantasia do encontro com o alienígena.”¹ O autor ainda acrescenta que “A reunião de si com o outro é talvez o encontro mais temível, mais emocionante e mais erótico de todos” (1998, p. 102, tradução nossa)². É nessa perspectiva que este estudo discute os entrelaces e interconexões dessas relações de alteridade sob o panorama do mito ciborguiano pensado por Donna Haraway, uma vez que o ciborgue é descrito como “uma criatura de um mundo pós-gênero” (HARAWAY, 2019, p. 159).

A mão esquerda da escuridão, de Ursula K. Le Guin, publicado em 1969 nos Estados Unidos, é uma narrativa conhecida e renomada pelas interpelações sobre questões de gênero, sistemas políticos, antropologia e pensamentos conceituais transgressivos. O enredo da obra tem como premissa um emissário humano, enviado de uma guilda interplanetária benéfica, o *Ekumen* – uma liga interplanetária unida por interesses sociais e políticos –, que se dirige ao planeta *Gethen* para tentar convencer os líderes desse planeta a se aliarem ao *Ekumen*. *Gethen*, em sua língua nativa, significa Inverno. É um planeta extremamente glacial habitado por seres que se assemelham à raça humana, contudo, são descritos como andróginos-hermafroditas. A autora descreve que durante um período de vinte e quatro dias, os gethenianos passam pela fase *Somer*, em que não performatizam gênero e que se mantêm como perfeitos andróginos, após esse decurso, eles entram na fase *Kemmer*, período em que

¹ “At the root of all Science fiction lies the fantasy of alien encounter”

² “The meeting of self with other is perhaps the most fearful, most exciting and most erotic encounter of all.”

acontece a fertilidade e afloramento da sexualidade nos nativos gethenianos. Acompanhamos *Genly Ai* em sua missão e somos expostos aos conflitos internos e subjetivos aos quais Le Guin sutilmente atrela à construção do alienígena *Estraven*, personagem getheniano que acompanha *Genly* em parte de sua jornada.

O contraste entre *Genly* e *Estraven*, assim como o restante da nação getheniana, é desenvolvido, não apenas, acerca das questões imbricadas nos questionamentos de identidade de gênero e de sexualidade, mas também nas disparidades entre indivíduos de mundos diferentes que possuem uma complexidade em seu âmago, necessitando de serem analisados a partir da ótica da alteridade. Os estudos ciborguianos atentam-se para essas concepções que estão contrárias do que se considera natural, subjugadas e determinadas em pares como: masculino/feminino, homem/mulher, humano/alienígena. O intuito deste artigo é articular, sob a literatura de Le Guin, uma aproximação aos constructos pertencentes ao mito ciborguiano de Haraway, permeando uma receptividade pós-moderna por meio do deslocamento do novo sujeito em sua fragmentação metafórica e narrativa. Hipotetizamos a criação de uma ilusão de ótica quanto a barreira que separa ficção e realidade, evidenciando-nos uma extrema proximidade das criaturas e criadora de *A mão esquerda da escuridão* com o mito ciborguiano de Donna Haraway.

Assim, pelas concepções de Donna Haraway (2019), Julia Kristeva (1994), explanações de Michele Perrot (2019), Thierry Hoquet (2019), Hari Kunzru (2000), dentre outros estudos, traçaremos posicionamentos entre a literatura de ficção científica e autoria feminina-feminista em que se argumenta, a partir das percepções do personagem terráqueo “humano” *Genly Ai*, a transgressão das barreiras de gênero, centrada no binarismo feminino/masculino inexistente no planeta alienígena do romance. Nessa perspectiva, aborda-se as configurações alienígenas e as contraposições humanas que, na obra de Le Guin, podem ser entendidas como alegorias híbridas, quimeras que perpassam a configuração e a barreira do que se entende por ficcional e, sobretudo, os liames que profanam o santuário do “eu” e do “outro”.

1 Romances-mundos

A máxima de Virginia Woolf (2019) diz que uma mulher, para escrever, necessita especialmente de dinheiro e de um teto todo seu. Michele Perrot acrescenta a essa assertiva que “agir no espaço público não é fácil para as mulheres, dedicadas ao domínio privado, criticadas logo que se mostram ou falam mais alto. Mas elas têm atuado, e de muitas maneiras [...]” (PERROT, 2017. p. 146). O nublado espaço da ficção científica, por séculos cerceou

figuras femininas, mulheres que almejavam escrever não apenas o gênero FC, mas as narrativas ficcionais de maneira ampla:

A literatura elisabetana é exclusivamente masculina. Já no fim do século XVIII e no começo do XIX, voltamos a encontrar mulheres que escreviam – dessa vez na Inglaterra – com extraordinária frequência e sucesso. As leis e os costumes, é claro, foram responsáveis por essas estranhas intermitências de silêncio e fala (WOOLF, 2019. p. 11).

O século XX foi uma abertura para as mulheres escritoras que desejaram subverter os arquétipos do gênero. Ante a luta das mulheres por direitos e equidade, o feminismo tornou-se uma consciência crítica que sublinha as tensões e contradições que acomodam de maneira decifrável todos os discursos intencionais que enleiam o masculino como parâmetro universal. Desse modo, “as revoluções do século XX constituem brechas nos sistemas de poder, favoráveis à reivindicação latente da igualdade dos sexos. (PERROT, 2017. p. 143). Assim, a ficção científica como um pilar para escritas de mulheres, nesse gênero moldado como “masculino”, sustenta os estudos sobre a chegada das diversidades também no espaço da *sci-fi*. Nota-se em McCracken que

Especificamente as novas FC são mais do que apenas truques, e muito mais do que clichês: elas fornecem uma gramática simbólica para articular as perspectivas de discursos normalmente marginalizados de raça, de gênero, de inconformismo e de ideologias alternativas (MCCRACKEN, 1998, p. 102, tradução nossa).³

Os novos discursos abordados pelas mulheres que escrevem sobre alienígenas, sobre mundos nunca habitados, sobre seres pós-humanos, sobre contradições em bases canônicas genuínas, trazem uma ressignificação subversiva ao movimento de mulheres dentro da ficção científica, às metáforas, às narrativas canalizadas em binarismos de gênero, aos mitos de heróis e cristalizações das histórias de origem. A alteridade passa a ser um tema recorrente nas estórias que abordam tais alegorias não humanas e o encontro do “eu” e do “outro”:

³ “Specific SF nova are more than just gimmicks, and much more than cliches: they provide a symbolic grammar for articulating the perspectives of normally marginalised discourses of race, of gender, of non-conformism and alternatives ideologies.”

Um dos aspectos mais importantes do desenvolvimento do gênero tem sido o crescimento dos autores de cor; outra é ascensão das mulheres autoras de FC, tanto que é provavelmente justo dizer que os gigantes atuais do campo são Ursula Le Guin e Octavia Butler. Mas ainda mais importante que essa erupção da alteridade nas estruturas na produção da própria FC é o enorme crescimento da popularidade do gênero (ROBERTS, 2000. p. 83, tradução nossa).⁴

Esse rompimento de hegemonias dentro do gênero, permite às escritoras acrescentarem à tecnologia, à ciência, aos novos mundos uma carga de narrativas femininas-feministas. Prontamente na introdução de *A mão esquerda da escuridão*, Le Guin traz uma reflexão sobre a funcionalidade da ficção científica e discorre, sob uma perspectiva imparcial de gênero, sobre o ato de escrever. Para ela, um bom romance de ficção científica é como qualquer outro bom romance, de qualquer outro gênero: ele deve tocar o leitor, traduzir sentimentos e pensamentos que têm um compromisso com a realidade, mas que estão longe de pertencerem ao campo do real. Novamente citando Woolf, “a ficção deve ater-se aos fatos e, quanto mais verdadeiros os fatos, melhor a ficção” (2019, p. 20). Este fenômeno é descrito por Ian Watt (2000) sob a perspectiva da mediação do romance entre a vida e a arte como uma maneira de interpelar a vida de quem o lê. A ficção especulativa-científica, segundo Le Guin, não significa prever o futuro, mas sim, descrever a realidade pelos olhos ficcionais. Nesse caso, imaginar o futuro pela perspectiva da ficção científica torna-se uma metáfora:

Toda ficção é metáfora. Ficção científica é metáfora. O que a separa de formas mais antigas de ficção parece ser o uso de novas metáforas, tiradas de alguns grandes dominantes de nossa vida contemporânea – ciência, todas as ciências, entre elas, a tecnologia e as perspectivas relativista e histórica. A viagem espacial é uma dessas metáforas; assim como a sociedade alternativa, a biologia alternativa, o futuro também. O futuro, em ficção, é uma metáfora (LE GUIN, 2019, p. 17).

A ciência e a tecnologia como fios condutores da ficção científica metaforizam mundos robotizados, naves espaciais, viagens interplanetárias, ciborgues e sociedades pós-humanas. Segundo Neil Gaiman, autor contemporâneo de ficção científica, a narrativa de Le Guin é um experimento mental atrelado a questionamentos divagados pelo “E se...”. Assim,

⁴ “One of the most significant aspects of the development of the genre has been the growth of authors of colour; another is the rise of women authors of SF, so much so that it is probably fair to say that the present-day giants of the field are Ursula Le Guin and Octavia Butler. But even more significant than this eruption of alterity into the structures of production of SF itself is the enormous growth in the popularity of the genre.”

em *A mão esquerda da escuridão*, o principal fio de condução parece estar diretamente ligado à alteridade, aos seres vivos e suas inter-relações, como uma especulação do que poderia existir entre essas relações inter-alienígenas.

Le Guin utiliza-se da ficção científica para explorar metáforas que expõem suas percepções de mundo. Os elementos abordados em sua idealização para um reconhecimento da diversidade social e natural, para o encontro e compreensão do “desconhecido”, corroboram para difundir questões de gênero, de raça, de sociedades distintas. Assim, em um planeta glacial, habitado pelo gelo, Le Guin manuseia a metáfora do alienígena “outro” travestida em uma fagulha para que se incendeie o humano “eu”.

2 Elas-Ciborgues

Stuart Hall (2006) enfatiza sobre os diferentes posicionamentos dos sujeitos que os tornam fragmentados, livres de unificações, múltiplos e contraditórios. O diferente, o viajante, o alienígena, o “outro” possuem um fluxo contínuo nas narrativas de ficção científica. Especificamente em meio às (des)construções subjetivas de tais sujeitos, Julia Kristeva (1994) indaga sobre quem é o “outro” e o que o caracteriza. A autora reflete sobre a transitividade desse sujeito que “não faz parte do grupo”, que não constitui o “conhecido”. As figuras alienígenas, robóticas, cibernéticas, as quais pertencem à ficção científica, estão referentemente ligadas ao tributo à alteridade, ao desenvolvimento das construções sociais e suas questões de gênero e sexualidade.

O célebre ensaio “Manifesto Ciborgue”, da professora de História norte americana Donna Haraway, discute, dentre outras ponderações, questões do socialismo-feminista e a conceituação de um novo ser denominado Ciborgue. Haraway conceitua o ciborgue como uma criatura de um mundo pós-gênero onde não há qualquer comprometimento com a bissexualidade, como “um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção.” (HARAWAY, 2019, p. 157). O ciborgue, sugerido por Haraway, é um ser liberto de vínculos como a Origem, a Queda, a paternidade ou a religião. Para tanto, Haraway cria uma proximidade entre o mito ciborguiano, o feminismo e a ficção científica do final do século XX sugerindo que:

Ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida – uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX. Trata-se de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão de ótica. A

ficção científica contemporânea está cheia de ciborgues [...] (HARAWAY, 2019, p. 158).

A autora claramente exemplifica que qualquer ser vivo pode tornar-se ciborgue. Isso porque o maquinário da pós-modernidade, da sociedade contemporânea, necessita do advento da tecnologia para continuar funcional. Celulares, *internet*, próteses, tênis com *designs* avançados, fazem parte da gama de exemplos que constituem a essência ciborguiana. O acoplamento entre homem e máquina não é um evento natural, inocente ou resumido a dualismos sociais e religiosos. Haraway acrescenta que: “assim, meu mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político” (HARAWAY, 2019, p. 163-164).

A partir dessas contradições somos apresentados a um “outro” sujeito: a autora-ciborgue. Percebe-se uma gama de narrativas de ficção científica, de autoria de mulheres, que estão reconfiguradas dos dualismos hierárquicos, das identidades universais e naturalizadas e são descompromissadas com as histórias de origem. Nota-se:

Os instrumentos são, com frequência, histórias recontadas, que invertem e deslocam os dualismos hierárquicos de identidades naturalizadas. Ao recontar as histórias de origem, as autoras-ciborgues subvertem os mitos centrais de origem da cultura ocidental. Temos, todas, sido colonizadas por esses mitos de origem, com sua ânsia por uma plenitude que seria realizada no apocalipse (HARAWAY, 2019, p. 158).

Exemplos além do romance *A mão esquerda da escuridão*, de Le Guin, podem ser encontrados em *Despertar*, de Octavia Butler (1987-2018), *The female man*, de Joanna Russ (1975-2010), *Fullmetal Alchemist*, da mangaká Hiromu Arakawa (2001-2010). A afirmação de Haraway que sugere a presença do ciborgue na ficção científica contemporânea corrobora com a assertiva de Marleen Barr (1987, p. 31. tradução nossa), quando a autora reitera que: “Mulheres são aliens em nossa cultura a qual insiste que ser humano é ser homem.”⁵

Entende-se, portanto, que a autora-ciborgue se autoconstrói como figura transgressora na produção de literatura de ficção científica que, por anos estigmatizada como “literatura menor”, literatura de/para homens, tem sua dupla subversão pelos escritos de mulheres subversivas, transgressoras, à frente de seu tempo. Não apenas sobre a mulher que escreve, para Haraway, as narrativas necessárias sobre histórias feministas-ciborguianas

⁵ “Women are alien in our culture which insists tha to be human is to be male”

“têm a tarefa de recodificar a comunicação e a inteligência, a fim de subverter o comando e o controle” (HARAWAY, 2019, p. 194). Segundo Haraway, subverter o natural do sistema mundo, excepcionalmente, imbricado nas leis determinantes patriarcais, não pode ser considerado como algo “natural”, logo, não são apenas autoras, mas autoras-ciborgues.

3 O eu e a escuridão

A mão esquerda da escuridão, romance da escritora californiana Ursula K. Le Guin, foi publicado em 1969 nos Estados Unidos e venceu importantes prêmios da ficção científica e fantástica como: Hugo, Nébulas, Locus, Asimov, Lewis Carroll, Shelf, World Fantasy, entre outros. A narrativa de Le Guin é conhecida e renomada pelas interpelações sobre questões de gênero, sistemas políticos, antropologia e pensamentos conceituais transgressivos.

O romance transporta-nos à missão do humano *Genly Ai* no planeta *Gethen* (também conhecido como Planeta Inverno). *Ai* é um enviado do *Ekumen*, uma liga interplanetária que tem por objetivo convencer o rei da nação *Karhide* a se aliar à organização. A narrativa nos oferece um panorama da construção antropológica do Planeta Inverno, suas sociedades e tradições. Os nativos do planeta Inverno assemelham-se aos seres humanos do planeta Terra externamente, conquanto, existe uma característica única, não observada em humanos terráqueos: os gethenianos são seres constantemente andróginos, assexuados, de maneira que seus corpos apenas se genderizam conforme os períodos cíclicos sexuais. Durante um período de aproximadamente 20 dias, o indivíduo é classificado como *Somer*, com a sexualidade inativa. Apenas uma vez ao mês eles entram em um período sexualmente ativo, chamado de *Kemmer*, assim, se assumem em um dos sexos dispostos – homem/mulher. Isso significa que nas relações gethenianas:

Se o indivíduo que estava no papel feminino engravidar [...] esse indivíduo permanece feminino. Os órgãos masculinos permanecem recolhidos. [...] Com o fim da lactação, a fêmea entra de novo na fase somer e torna-se, mais uma vez, um perfeito andrógino (LE GUIN, 2019, p. 101).

As diferentes fases, citadas acima, nos colocam ante a um entrechoque de que “a mãe de muitas crianças pode ser o pai de muitas outras” (LE GUIN, 2019, p. 101). Isso simboliza que todo o padrão de interação sociossexual a que somos “incluídos”, inexistente em Inverno. Nesse sentido, Judith Butler elucida que “as fábulas do gênero estabelecem e fazem circular sua denominação errônea de fatos naturais” (BUTLER, 2020, p. 12). A questão do

gênero entendida por Butler é que o gênero perpassa o binário como uma existência mais fluida e performática para o gênero. Com isso, a construção de Le Guin enuncia seres que não necessitam se encaixar em características binárias, estando assim, destituídos das prerrogativas que limitam e cerceiam o pertencimento a tais imposições. São seres pós-humanos, configurados como ciborgues.

O fator primordial desse trabalho é justamente as pontuações desnaturalizadas de características binárias de gênero. Segundo Hoquet (2019) o ciborgue subverte as dicotomias mais triviais condescendentes entre as extensas alternativas binárias como natural/artificial, organismo/máquina, masculino/feminino, humano/não-humano. Os sujeitos pós-humanos ciborguianos de Le Guin estão para além das barreiras de processos dicotômicos, de sociedades hierarquizadas pelo viés da dominação de gênero. Pondera-se na narrativa:

Considere: qualquer um pode trabalhar em qualquer coisa. Parece muito simples, mas os efeitos psicológicos são incalculáveis. O fato de toda a população, entre dezessete e trinta e cinco anos de idade estar sujeita a ficar (como Nim definiu) ‘amarrada à gravidez’ sugere que ninguém aqui fica tão completamente ‘amarrado’ como, provavelmente, ficam as mulheres em outros lugares – psicológica ou fisicamente. Fardo e privilégio são compartilhados de modo bem igualitário; todos têm o mesmo risco a correr ou a mesma escolha a fazer. Portanto, ninguém aqui é tão completamente livre quanto um macho livre, em qualquer outro lugar (LE GUIN, 2019, p. 103).

Como visto, as características peculiares dos gethenianos se configuram na quebra de barreiras de que fala Donna Haraway. Para *Genly Ai* – humano, homem –, a denominação e a relação com os gethenianos não é naturalmente fácil. “Qual a primeira coisa que perguntamos sobre um recém-nascido?” (LE GUIN, 2019, p. 104). O choque cultural que *Ai* enfrenta baseia-se em suas percepções cristalizadas de construções político-sócio-culturais de que as identidades das pessoas são definidas, primordialmente pela questão da sexualidade. Apesar da androginia e da fluidez de gênero estar presente nos corpos gethenianos, existe uma necessidade latente, em *Ai*, de se classificar o interlocutor entre feminino e masculino:

Embora eu estivesse há quase dois anos em Inverno, estava ainda longe de conseguir ver as pessoas do planeta através de seus próprios olhos. *Tentei, mas meus esforços tomaram forma, desajeitada, de ver o getheniano primeiro como homem, depois como mulher, forçando-o em*

uma dessas categorias tão irrelevantes à sua natureza, e tão essenciais à minha (LE GUIN, 2019, p. 103. Grifo nosso).

Genly Ai naturalmente expõe seus pensamentos estereotipados em relação a figuras femininas e masculinas. Ele atribui classificações, categorizações e não acredita que uma criatura forte e poderosa possa ser conceituada como feminina. “Um homem deseja que sua virilidade seja reconhecida, uma mulher deseja que sua feminilidade seja apreciada. [...] Em Inverno, isso não vai existir. Julga-se ou respeita-se uma pessoa apenas como ser humano. É uma experiência espantosa.” (LE GUIN, 2019, p. 104.) É relevante referenciar que esta citação é dissolvida do ponto de vista de um humano. A “experiência espantosa” de Le Guin encontra-se inteiramente com as ideias de Haraway como uma redefinição das estruturas de reprodução e configuração da massiva identidade “ocidental”. Discorre-se na narrativa:

Vi então novamente, e de uma vez por todas, o que sempre tivera e ver e vinha fingindo não ver nele: que ele era uma mulher, assim como era um homem. Qualquer necessidade de explicar as origens desse medo desapareceu junto com o próprio medo; o que me restou finalmente, foi a aceitação dele tal como era. Até então eu o rejeitara, recusara-lhe sua própria realidade. [...] Tinha sentido medo de fazê-lo. Não queria oferecer minha confiança, minha amizade a um homem que era mulher (LE GUIN, 2014, p. 238).

Segundo o teórico Cary Wolfe (2010) a consciência do pós-humanismo movimenta seres como animais, robôs ou alienígenas a um mesmo patamar, uma vez que, a consciência deixa de ser apenas humana. A estrutura corpórea dos “alienígenas” de Gethen são subservientes aos discursos que entrelaçam corpo e gênero. Portanto, o que impõe as incongruências de *Genly* diante do “outro” é a contraditória referência cultural que estabelece uma sociedade criada para seguimentos iguais, quando esta concebe-se primordialmente por diferentes. Para Laraia (2001, p. 67), “Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas”. Esse comportamento social é resultado da herança cultural do sujeito, portanto, o homem enxerga o mundo que o rodeia através de sua cultura. Consoante a isso, Delumeau (2007) declara que

Ao lado das apreensões vindas do fundo de nós mesmos – medo do mar, da noite –, e daquelas motivadas por perigos concretos – terremotos, incêndios, epidemias, etc. –, devemos ceder um lugar aos medos mais culturais, que podem, igualmente, invadir os indivíduos e as coletividades, fragilizando-os. É o medo do outro. A raiz disso se

encontra na apreensão provocada entre pessoas que não se conhecem, ou que se conhecem mal, que vêm de fora, que não se parecem conosco e que, sobretudo, não vivem da mesma maneira que vivemos. Falam uma outra língua e têm códigos que não compreendemos. [...] a humanidade terá, certamente, muito tempo ainda para combater esse medo do outro, forma particular do medo do desconhecido [...] (DELUMEAU, 2007, p. 46).

Assim, segundo a corrente pós-humanista, existe uma descorporificação que nos permite racionalizar as peculiaridades culturais e corporais entre a relação de seres alienígenas e seres humanos. *Genly* é uma representação humana que detém as marcas sociológicas (pré)conceituais sobre as dicotomias que subsidiam o entendimento de gênero no ocidente. É um ser alienígena em um planeta alienígena. O “eu” *Genly*, envolto em medo e desconfiança, se concretiza no outro de *Estraven*, ambos, alienígenas. Imaginar o outro é um trejeito interpretativo no ofício de figurar-se a si. O fato de Le Guin ter configurado suas personagens alienígenas numa fluidez de gênero e de um “humano” ser um ponto de vista de tais diferenças, é um indício da preocupação da autora com as questões sociais-feministas e de gênero, assim como a própria Le Guin referencia a ficção científica como uma possibilidade de narrar a realidade como absurdo ficcional.

(In)conclusão

Existe uma profunda complexidade no âmago do romance discutido e em sua autora. Com isso, a gama de discussões plausíveis para a *A mão esquerda da escuridão* é imensa. Le Guin, enquanto autora-ciborgue, desconsidera as imposições de barreiras naturais-tradicionais colocando em conflito um espécime humano a um factual pós-humano. Ela incorpora uma alegoria alienígena à representatividade da mulher escritora, entendida como “pós-humana” que ultrapassa e subverte o sistema indivisível de literatura *sci-fi*, pois configura-se em uma narrativa de diferença e não de comum igual. A abertura às escritoras de ficção científica que o século XX provê está ligada direta e indiretamente com os estudos de gênero e do feminismo. A quebra de paradigmas em um campo, há séculos considerado “masculino”, é uma descentralização necessária dentro da *sci-fi*, visto que possibilita a diversidade de vozes e discursos, antes silenciados.

Le Guin personifica a si e aos habitantes de Gethen na poetização de Haraway sobre o mito ciborguiano. *A mão esquerda da escuridão* e sua magnitude configuram-se no campo da atemporalidade. As instituições e diretrizes alienígenas consubstanciam-se nas factuais ocorrências em nossa realidade mundana. As questões de gênero, de alteridade, de

estranhamento e de lutas minoritárias, nessa narrativa, são mostradas de maneira tão clara e límpida como as geleiras de Gethen. As configurações ciborguianas de Haraway prefiguram tanto os gethenianos como a escritora-ciborgue. A ficção científica figura-se assustadoramente real. É uma experiência espantosa.

Referências

- ARAKAWA, H. *Fullmetal Alchemist*. São Paulo: JBC mangás, 2002. v. 1.
- BARR, M. *Alien to femininity: Speculative fiction and feminist theory*. Westport, CT: Greenwood Press, 1987.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato A. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- BUTLER, O. E. *Despertar*. Trad. Heci R. São Paulo: Morro Branco, 2018.
- DELUMEAU, J. Medos do ontem e de hoje. In: NOVAES, A. (org.). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da S. e Guacira L. L. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.
- HARAWAY, D. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). *Pensamento feminista: Conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 157-202.
- HOQUET, T. *Filosofia ciborgue: pensar contra dualismos*. Trad. Márcio H. de G. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KUNZRU H.; HARAWAY D. *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Trad. e org.: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LE GUIN, U. K. *A mão esquerda da escuridão*. Trad. Susana L. de A. São Paulo: Aleph, 2014.

LE GUIN, U. K. *A mão esquerda da escuridão*. Trad. Susana L. de A. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

MCCRACKEN, S. *Pulp: Reading popular fiction*. Manchester: Manchester University Press, 1998.

ROBERTS, A. *Science fiction: The new critical idiom*. London: Routledge, 2000.

ROBERTS, A. *A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas*. Trad. Mário M. São Paulo: Seoman, 2018.

RUSS, J. *The female man*. Great Britain: Gollancz, 2010.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. Trad. Angela M. S. C. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SHOWALTER, E. A crítica feminina no território selvagem. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.

WATT, I. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WOLFE, C. *What is Posthumanism?* Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

WOOLF, V. *Mulheres e ficção*. Trad. Leonardo F. 1. ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera R. 2. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

ERICA SOARES SILVA

Mestranda pelo POSLLI, Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás (UEG) campus Cora Coralina. Atualmente é professora do ensino básico da rede estadual de Goiás.

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6173835778024333>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9663-8049>

E-mail: paigastao46@gmail.com

EMILE CARDOSO ANDRADE

Doutora em Literatura e outras artes pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é professora do POSLLI, Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás (UEG) campus Cora Coralina.

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4661919586535215>

Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0001-5766-4703>

E-mail: emilecardoso@ueg.br